

EVITANDO NOVAS CRISES E CRIANDO A CAFEICULTURA DO FUTURO

A cafeicultura brasileira, vitimada por longo período de preços baixos, empreendeu um esforço imenso para tornar-se mais eficiente e ganhar competitividade. Emergimos da crise com participação crescente na produção, exportação e consumo mundiais sem ter perdido de vista, em nenhum momento, o desafio de criar um agronegócio café sustentável, mesmo em tempos adversos.

Mas, apesar dos ganhos produtividade, qualidade, gestão, organização da cadeia produtiva, consumo e exportação, a crise mundial recente causou perda de renda e significativa descapitalização para os cafeicultores brasileiros. Como a crise foi prolongada e os níveis de preço debilitantes, não houve tempo suficiente para dizer que ela é coisa do passado. Ainda estamos vivendo suas conseqüências.

No período 2000/2004, grande parte de nossos produtores de café comercializaram suas safras a preços abaixo do custo de produção ou com margens de ganhos extremamente baixas, que não permitiram recompor um nível de capitalização mínimo. A recuperação dos preços, que foi grande em relação aos preços vigentes 12 meses atrás é, todavia tímida se comparada com as médias históricas.

Nos países produtores em geral, muitos dos cafeicultores não podem beneficiar-se de novos financiamentos, tal o seu grau de endividamento. No caso específico do Brasil temos ainda que enfrentar juros altos e, no momento, uma taxa cambial bastante adversa, fatores que põem em cheque a viabilidade do negócio para um grande número de cafeicultores. A volatilidade dos preços internacionais representa outra séria ameaça para a sustentabilidade da cafeicultura brasileira e mundial.

O grande desafio é desenvolver mecanismos que evitem novas crises, assegurando um mercado menos volátil e maior estabilidade de renda para todos os elos da cadeia produtiva. Em outras palavras, devemos garantir a sustentabilidade da cafeicultura, conceito que está no cerne da temática desta Segunda Conferência Mundial do Café.

Buscar a sustentabilidade da cafeicultura mundial em todos os seus aspectos – econômico, social e ambiental – significa trabalhar para evitar crises futuras. Não foi

por acaso que mencionei a sustentabilidade econômica em primeiro lugar. Foi de maneira proposital que a coloquei à frente dos demais componentes, pois na falta da sustentabilidade econômica torna-se quase inviável ser socialmente e ambientalmente responsável embora tudo isto seja essencial.

Desenhar uma cafeicultura mundial sustentável num ambiente de livre mercado significa criar uma agenda positiva para a ação conjunta de todos os participantes visando a garantir uma remuneração justa a todos os níveis da cadeia produtiva, da semente à xícara. Essa agenda positiva envolve conceitos amplos e diversificados como a diminuição da volatilidade dos preços, o acesso a mercados, a agregação de valor e o aumento da demanda, como já veremos.

O agronegócio Cafés do Brasil vem empreendendo ações relevantes em todas estas áreas, algumas muito bem sucedidas, como as pesquisas específicas, as estimativas de produção, a introdução de instrumentos inovadores de gerenciamento de risco e o aumento do consumo interno. Outras ações requerem, entretanto a cooperação e o apoio de outros países produtores e também dos demais elos da cadeia, especialmente a indústria, para serem exitosas.

Esta Conferência é um fórum muito oportuno para discutirmos esta cooperação internacional e a criação de instrumentos de livre mercado que assegurem uma distribuição de renda mais eqüitativa entre os participantes do agronegócio café mundial.

O Brasil teve uma experiência muito positiva com o programa de opções de venda de café. Falta agora aperfeiçoá-lo para criar regras claras de entrada e saída, isto é, estabelecer critérios técnicos e objetivos, não políticos, sobre quando acumular e quando vender estoques públicos.

A utilização sistemática do programa de opções e sua articulação com políticas de preço mínimo formam um conjunto de ações que indicam ao produtor e ao mercado que excedentes de curto prazo podem ser adquiridos para a formação de estoques estratégicos do país. Indica também que há um piso para o preço do produto.

O desafio agora é viabilizar a implementação de tais mecanismos ou outros equivalentes nos principais países produtores, que são aqueles que têm maior impacto na formação de preços. Um desafio ainda maior é criar instrumentos de mercado que permitam coordenar as políticas de tais países. Um caminho seria criar um mercado secundário para as opções, diminuindo assim o volume de recursos necessários nos países produtores, e diluindo o risco da operação.

Ainda no tocante à redução da volatilidade do mercado, o Brasil vem sendo bem sucedido em duas outras áreas, cujos procedimentos e técnicas estamos dispostos a compartilhar com os demais países produtores: a Cédula do Produto Rural (CPR) e a tecnologia de previsão de safras.

A Cédula do Produto Rural é um título emitido pelo cafeicultor e garantido pelo sistema bancário, que permite vender a produção antecipadamente a exportadores e indústrias, que por sua vez têm a oportunidade de assegurar seu abastecimento. A CPR permite que o cafeicultor antecipe e flexibilize seu fluxo de caixa ao mesmo tempo que oferece uma garantia de que o comprador receberá o produto a um preço fixo independentemente das condições do mercado. A CPR contribui para diminuir a volatilidade do mercado interno. Sua utilização por outros países pode contribuir para ordenar melhor os fluxos de exportação.

O Brasil tem grande influência na formação do preço internacional do café por deter porcentagens substanciais da produção e exportação mundial. As decisões estratégicas do agronegócio café mundial contam hoje com o apoio do moderno sistema brasileiro de previsão de safra, baseado em monitoramento via satélite combinado com o mapeamento e monitoramento da cultura. A eficiência do sistema e sua credibilidade certamente crescerão à medida que suas previsões forem se confirmando.

A adoção de sistemas confiáveis de previsão de safra pela maioria dos países produtores é instrumento importante para diminuir a volatilidade do mercado. O Brasil coloca-se à disposição dos demais países produtores para cooperar com o desenvolvimento de sistemas semelhantes em suas áreas cafeeiras. (Informações sobre o sistema brasileiro de previsão de safras poderão ser obtidas no estande da

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento – no hall desta sala de conferências).

As auditorias de estoques e as avaliações de safra que eram realizadas pela OIC durante a vigência das cotas podem ser utilizados também na ausência delas, em condições de livre mercado, para aumentar a credibilidade e transparência das estimativas dos países produtores e diminuir a volatilidade dos preços.

O acesso a mercados e a agregação de valor são temas intimamente ligados. Uma das maneiras mais eficientes de se agregar valor ao café é através da exportação de produtos industrializados, tanto solúvel como torrado. Entretanto o café industrializado é taxado no principal mercado mundial, a União Européia, assim como em outros países. Esta taxa não é uniforme, beneficiando este ou aquele país, discriminando injustamente alguns produtores e introduzindo imperfeições no mercado. Numa Conferência que discute instrumentos de mercado para criar uma cafeicultura sustentável, não posso deixar de sugerir a remoção de tais barreiras alfandegárias injustas e discriminatórias, que ainda provocam o aumento do preço do café para o consumidor final.

Uma forma efetiva de melhorar a eficiência da indústria cafeeira mundial é absorver o aumento do consumo nos próximos anos através da instalação de indústrias de torrefação nos principais países produtores, a exemplo do que já ocorre com o café solúvel. Dentro do espírito de cooperação que sempre permeou o relacionamento da cafeicultura brasileira com seus compradores internacionais, manifesto aqui que as portas estão abertas para indústrias de torrefação e solúvel que queiram fazer do Brasil uma base de exportação de produtos industrializados. Ao mesmo tempo conclamo os empresários brasileiros a continuarem lutando para colocar seus cafés industrializados no mercado externo, preferencialmente com suas marcas brasileiras, mas também com marcas de terceiros.

A agregação de valor ao produto é um dos melhores instrumentos de mercado para distribuir renda mais eqüitativamente ao longo da cadeia produtiva. Entretanto não podemos pretender que como países produtores devemos agregar valor somente nós, às expensas da indústria dos países consumidores. Se queremos a queda das

barreiras protecionistas contra nossos cafés devemos também abrir nosso país à indústria de fora.

A agregação de valor ocorre também via qualidade. E mais qualidade, está comprovado, significa mais consumo, haja visto o caso brasileiro. O Programa Selo de Pureza recuperou a confiança do consumidor e alavancou o consumo de café, que passou de 6,5 a 15,0 milhões de sacas entre 1989 e 2004. O novo Programa de Qualidade de Café, lançado em 2004, tem como objetivo ampliar o consumo através da melhoria contínua da qualidade, com agregação de valor desde o produtor até o consumidor final. Os primeiros resultados já começam a aparecer: o consumo no Brasil cresceu 9% em 2004, cerca de 6 vezes mais do que no mundo, o que nos dá a confiança de atingir o consumo de 20 milhões até 2010, assim tornando-nos o maior consumidor mundial.

O aumento de consumo mundial, último assunto de que tratarei, não é de maneira nenhuma o assunto menos importante. Em verdade talvez seja o assunto mais importante, pois aumentar o consumo é a forma mais eficiente de agregar valor ao café, aumentar a renda de todos os participantes no agronegócio e distribuir a renda de maneira mais eqüitativa usando instrumentos de mercado.

Estimativas de várias fontes indicam que graças à explosão do consumo no Brasil, graças a alguns pólos dinâmicos em outros países produtores, graças à introdução crescente do café em mercados emergentes e apesar do crescimento lento e decrescente nos países consumidores, pode-se prever um acréscimo do consumo mundial em torno de 25 milhões de sacas nos próximos 10 anos. Mesmo significativo, este acréscimo não deve ser tomado como garantido pela comunidade cafeeira.

Na falta de ações promocionais específicas, como aquelas que o Brasil vem fazendo institucionalmente em seu próprio mercado, e na falta de ações como a indústria está fazendo individualmente nos mercados emergentes, este crescimento pode ser frustrado. Será necessário um esforço coordenado entre países produtores e consumidores, entre produção, comércio e indústria, para atingir 25 milhões de sacas ou mesmo elevar este volume adicional de café a ser consumido nos próximos 10 anos.

Não podemos permanecer de braços cruzados esperando que tal crescimento ocorra como resultado de ações isoladas e sem coordenação, quando sabemos, com base em nossa experiência passada, que este crescimento pode ser otimizado e maximizado pela coordenação das atividades e por programas institucionais. Foi graças a ações coordenadas pela OIC, com participação decisiva do Brasil, que o mercado japonês cresceu, transformando-se no 4º maior consumidor mundial. Foi um programa institucional da OIC que lançou as sementes do que hoje é o movimento dos cafés especiais nos Estados Unidos, setor dinâmico do mercado, que cresce vertiginosamente.

O exemplo brasileiro mostra que a promoção conjunta, institucional e de marcas, pode maximizar as taxas de crescimento de consumo e servir de referência para outros países. A própria OIC reconhece isto em seu Guia de Promoção do Consumo de Café.

O aumento do consumo mundial é instrumento básico para garantir a sustentabilidade do agronegócio. Deve portanto ter prioridade nas agendas das agências multilaterais, como o Banco Mundial e o Fundo Comum de Produtos Básicos, dos programas de ajuda externa dos países desenvolvidos e, principalmente, na nossa própria agenda.

Vejo um futuro brilhante para nosso agronegócio se pudermos, junto com a OIC, desenvolver um programa de consumo em que, primeiro, nós, países produtores, nos comprometamos com metas de crescimento para nossos próprios mercados domésticos. Segundo, países produtores e a indústria desenvolvam programas conjuntos em mercados emergentes. Terceiro, a indústria se comprometa a trabalhar institucionalmente para brecar a queda do consumo per capita e aumentar a taxa de crescimento nos países consumidores tradicionais, ampliando e diversificando esforços, como o bem sucedido programa na área de café e saúde, hoje capitaneado pela OIC. Este terceiro ponto – programas institucionais em mercados maduros – pode, aliás, ser a contrapartida da indústria ou sua obrigação dentro dos códigos de sustentabilidade hoje em discussão, em que se busca um maior equilíbrio entre direitos e deveres de produtores/fornecedores e indústria/compradores.

Como representante de um país produtor e como agricultor, tenho dificuldade em entender a ênfase das chamadas plataformas de sustentabilidade em aspectos ambientais e sociais sem a sustentabilidade econômica no mesmo nível. Não podemos tratar dos sintomas e ignorar a principal causa do problema, que é a falta de renda.

Uma contrapartida da indústria pode ser, insisto, um esforço institucional para aumentar o consumo e, conseqüentemente, a renda do produtor. Como Ministro da Agricultura do Brasil sinto-me em posição muito confortável para propor ao mundo do café um programa agressivo de promoção de consumo pois meu país fez a sua parte e ainda promete fazer mais. O Brasil aumenta sua produção com responsabilidade, oferecendo a contrapartida do aumento do consumo, que aliás ajudou-nos a sobreviver durante a crise.

A agenda positiva para construir uma cafeicultura sustentável num ambiente de livre mercado, que aqui deixo como proposta para discussão – diminuição da volatilidade, acesso a mercados, agregação de valor e aumento do consumo – concentra-se na sustentabilidade econômica, sem omitir os aspectos sociais e ambientais. O Brasil já tem a sustentabilidade social e ambiental de sua cafeicultura bem equacionada, a ponto das regiões cafeeiras serem consideradas paradigmas de sustentabilidade no país. Em verdade, é no problema da renda dos países produtores que se encontra hoje o calcanhar de Aquiles do agronegócio café mundial.

Os fundamentos para um arranjo mundial são bons: hoje a demanda é de 115 milhões de sacas enquanto a produção é 110 milhões e os estoques mundiais estão baixando. O estoque de passagem brasileiro em maio de 2006 será o menor das últimas décadas. É hora de organizarmos o mercado.

Muito obrigado